

A natureza como linguagem e arte

Mariana Tereza Athayde Bordallo da Silva ¹

RESUMO: Este artigo pretende observar o desenvolvimento do conceito de natureza ao longo da História, identificar a representação dos conceitos de Natureza nas Artes, em pinturas, esculturas ou quaisquer manifestações artísticas dos períodos históricos analisados, tendo como referência para a análise desses períodos, os fatos históricos que marcaram transições significativas para a humanidade: a evolução do pensamento do homem através da filosofia, o desenvolvimento político e social da humanidade, as consequências e riscos do desenvolvimento científico e tecnológico, assim como, o desenvolvimento das artes, as escolas e os movimentos artísticos em cada período. Para essa discussão foram utilizadas as teorias de Gombrich (1995) e Grof (1987).

PALAVRAS-CHAVES: Homem. Arte. Natureza. Ambiente.

Introdução

O homem, desde sempre, busca resposta que expliquem a sua existência. Procura compreender porque se tornou distinto da natureza e um predador por excelência. Não obstante, o poder que o homem adquiriu através do conhecimento e da tecnologia está levando-o a uma posição muito delicada com relação ao planeta. O avanço científico trouxe benefícios à humanidade, mas, trouxe também muita dor e risco de destruição. Não a destruição da vida, pois a vida transcende ao homem, mas, a destruição da natureza como a conhecemos.

A visão que o homem tem de si mesmo determina a qualidade de sua relação com seus semelhantes, com os animais, com o ambiente e como ele irá lidar com esse processo.

Em todos os momentos da civilização humana encontramos arte. Mesmo nos objetos feitos para serem usados, observamos uma noção estética ou o cuidado com o belo. Se considerarmos que a arte revela as emoções, a história, a visão sobre si mesmo e sobre o mundo onde vive (cultura), podemos analisar os produtos artísticos para compreendermos a evolução do pensamento humano e inferir os conceitos de natureza nos diversos períodos históricos.

Mas, é necessário contextualizar o homem em seu tempo: compreender como se relaciona com a natureza e com a ciência, quais fatos históricos demonstram essa relação e as mudanças de perspectiva. *A natureza refletida na arte reproduz sempre o próprio espírito do artista, suas predileções, seus prazeres e, portanto, seu estado de ânimo.* (GOMBRICH, 1995, p. 430)

Compreender os conceitos de natureza desenvolvidos ao longo da evolução biológica, mental e tecnológica do homem é compreender a relação que mantemos hoje com a natureza. A

¹ Graduada em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA; especialista em Informática Educativa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; especialista em Sociologia e Educação Ambiental pela Universidade Estadual do Pará – UEPA. Bordallo@globo.com

fim de desenvolvermos um novo olhar sobre a natureza, escolhemos analisar os conceitos de natureza expressos nas Artes, pois a contemplação nos leva à reflexão, à medida que reelaboramos novos significados. Repensar a relação homem x natureza, mudando a perspectiva que temos hoje para uma visão mais sistêmica, é o que propomos neste trabalho.

A Pré-História

Nos primórdios da humanidade, a vida era multissensorial. O homem sentia o mundo através dos sentidos e a natureza era um grande mistério. Os vulcões, as enchentes, os trovões deviam assustá-lo e enchê-lo de inquietações.

No Paleolítico (2.5 milhões a.C. a 10.000 a.C), as hordas viviam da coleta de frutos e raízes, da pesca e da caça. Moravam em cavernas, eram nômades, enfrentavam os rigores do clima e os predadores. Controlavam o fogo, criaram instrumentos de pedra, de madeira, de ossos e de marfim¹.

Dentre os fenômenos naturais, por certo, o mais importante, estava a reprodução. Magicamente a vida surgia de plantas, dos animais e da mulher. *Aos olhos dos nossos ancestrais, o elo comum era o conceito mágico (ou intuição) da força sagrada ou mana, como é chamada na cultura tribal da Melanésia* (FEUERSTEIN, 1994, p. 65-66). A mulher tinha o poder de gerar a vida, o conhecimento sobre os mistérios da reprodução e das plantas com finalidade de cura. Dela provinha magia e sabedoria.

A força mágica feminina da natureza: O desenvolvimento cerebral, ocorrido no final do Paleolítico, permitiu ao homem maior complexidade de pensamentos, dando-lhe a inteligência moderna, a linguagem e a arte. Nas cavernas de Lascaux, no Sul da França, ele criou pinturas e rabiscos, acredita-se que, com finalidades xamânicas. *He painted fantastic murals of reindeer, bison, and bulls in these resonant caverns that flickered with stone candles and smelled of the acrid aroma of animal fat where rituals were performed. A magic theater of the senses*². (Ele pintou fantásticos murais de renas, bisões e búfalos nessas cavernas ressonantes que cintilavam com o fogo e cheiravam a um aroma ácido de gordura animal onde rituais eram realizados. O teatro mágico dos sentidos – T/A).



Fig. 1 – Salão principal da Caverna de *Lascaux* na França (15.000 a.C.)

O ambiente da caverna e a natureza ameaçadora criavam uma atmosfera ideal para a concretização do pensamento mágico. Ali, ele aprisionava magicamente o animal que pretendia caçar e, possivelmente, dramatizava essas caçadas antes de realizá-las. *É impossível entender esses estranhos começos se não procurarmos penetrar na mente dos povos primitivos e descobrir qual é o gênero de experiência que os faz pensar em imagens como algo poderoso para ser usado e não como algo bonito para contemplar* (GOMBRICH, 1995, p. 40).

Grupos sociais primitivos atuais ainda acreditam que o aprisionamento da imagem representa o aprisionamento da alma do indivíduo. Gombrich (1995, p.40) cita a preocupação dos habitantes de uma aldeia africana quando um artista europeu fez os desenhos de seus animais domésticos: *Se levar consigo nosso gado, do que iremos viver?*

A pintura representada nas cavernas expressa a energia vital da natureza, a força de criação e a de destruição. E, como representante desse conceito mágico, a ancestral primitiva mais antiga, aquela que representava o início do clã e da vida, era a deusa venerada. O conceito de “criador da vida humana” era um princípio feminino (FEUERSTEIN, 1994, p. 61). Desse período, foram encontradas representações estilizadas da figura feminina relacionada ao conceito de fertilidade.



Fig. 02: *Vênus de Tan-Tan* (Marrocos, 300 – 200.000 a.C.), a estatueta mais antiga que se tem conhecimento

O princípio masculino destrona a Mãe Terra: No Neolítico (10.000 a.C. a 4.000 a.C.), houve o aprimoramento dos instrumentos de pedra; o início da agricultura e a fixação do homem ao solo; a criação das cidades e a organização social; a domesticação dos animais e a divisão do trabalho. Também surgiram: a família, o conceito de propriedade e valores morais, o uso do ferro, a produção de peças de cerâmica para armazenar alimentos e a troca da produção excedente (comércio).

*O homem, que se tornara um camponês, não precisava mais ter os sentidos apurados do caçador do Paleolítico, e o seu poder de observação foi substituído pela abstração e racionalização*³. A prática da agricultura e o trabalho coletivo permitiam mais tempo para a observação. Ele passou a compreender os ciclos naturais, as estações, o calendário, a posição dos astros no céu. A natureza, ainda que o assombrasse, começava a ser assimilada através do simbolismo que a linguagem suficientemente desenvolvida lhes permitia construir.

Desse período, o Santuário de *Stonehenge*, no sul da Inglaterra (Fig. 07), é um exemplo da nova relação entre homem e natureza. Construído em madeira, foi substituído, na Idade do Bronze, por uma arquitetura em pedras, indicando o ponto exato onde o sol nasce no solstício de verão.



Fig. 03 – *Stonehenge*.

Não se sabe ao certo a razão de sua existência, mas, a forma com que foi construído indica observação de fenômenos astronômicos⁴, finalidades rituais de um culto ao sol com objetivo de obter melhores colheitas e fartura de alimentos. Sua construção demonstra a sofisticação do pensamento do homem com relação à natureza e elaboração de sistema de crenças e rituais.

No Neolítico o homem já havia compreendido o mistério da fecundação e assim a mulher perdeu sua posição privilegiada como geradora da vida e detentora dos mistérios. A antiga Mãe Terra foi destronada por um novo deus, masculino e provedor da energia geradora da vida: o sol.

A natureza deixou de ser uma força exclusivamente feminina e, a partir do momento em que o homem começou a compreender a natureza, deixou de se sentir dominado por ela e passou a tentar dominá-la, assim como à mulher.

Antiguidade Clássica

A civilização humana se inicia com a criação da escrita cuneiforme pelos sumérios na Babilônia em meados do IV milênio a.C. *A técnica da escrita permitiu a construção de raciocínios muito mais abrangentes e complexos. Inaugurou o que chamamos hoje de pensamento analítico. Ao contrário da fala, um texto escrito pode ser visto e corrigido inúmeras vezes*⁵.

Até então, as explicações para a origem do universo eram conhecidas através da poesia e dos deuses primordiais. *É possível interpretar a teogonia grega antiga como uma cosmogonia mítica e pré-racional, ou seja, como poesia que narra, a partir da metáfora dos deuses, a origem de cada elemento do universo e de suas relações recíprocas* (GONÇALVES, 2006, p. 12).

Os filósofos pré-socráticos (VI a.C.) na Grécia investigavam questões referentes à *physis* (natureza ou realidade em transformação) e sobre a substância primordial (*arché*) que origina e move todas as coisas. (GONÇALVES, 2006, p. 13). Surgem então várias explicações: a ideia de número e dos opostos (Pitágoras); a transformação do ser e do não-ser (*devir*) como processo organizador e harmonizador da natureza (Heráclito); as partículas que se “engatam”, dando forma às coisas (atomismo) e a ideia de causas naturais substituindo a ideia de “força misteriosa” (Demócrito de Abdera).

Os pré-socráticos foram seguidos pelo foco no próprio homem. Sócrates concluiu que, “o homem é sua alma”. Sendo a alma (*psyché*), a sede racional e operante, é o que lhe dá personalidade única. O mundo, segundo Platão, não é mais animado pelos deuses, mas, por uma alma própria: a alma do mundo, ou inteligência capaz de governar todas as coisas (GONÇALVES, 2006, p.15). Para Aristóteles, a natureza é o conjunto de todas as qualidades originais dos seres organizadas por um *logos*. *Ao diferenciar a natureza das coisas particulares, Aristóteles constrói uma visão de mundo organizado hierarquicamente, de modo que cada ente tem seu lugar próprio, do qual se pode afastar por algum tempo, mas para o qual sempre tenderá naturalmente* (GONÇALVES, 2006, p. 18).

O pensamento mítico sobre a origem do universo mantinha a unidade entre o espírito e a natureza. A passagem para o pensamento racional determinou um estranhamento. Ainda que houvesse um caráter complementar entre o pensamento mítico e o pensamento filosófico, esse foi o primeiro afastamento entre o pensamento racional e as percepções sensíveis, ou, entre o homem e a natureza. (GONÇALVES, 2006 p. 12, 23).

Os deuses humanos da mitologia grega: Os gregos, com sua fantasia, povoaram o céu e a terra, os mares e o mundo subterrâneo de divindades principais e secundárias (MITOLOGIA, 1973, vol. I, p. 2). A Terra era uma deusa e Urano, o céu estrelado, fecundava-a incessantemente. Assim, natureza se confunde com deuses. A representação da força mágica primitiva, numa tentativa de explicar metaforicamente os acontecimentos naturais. Imaginados com características humanas, tinham os mesmos sentimentos de que o homem é capaz. E, o mais importante, habitavam a terra junto ao homem. *Igual é o gênero dos homens ao dos deuses, pois todos tiramos a vida da mesma mãe; apenas, uma força completamente diferente distingue os deuses* (Pindaro in MITOLOGIA, 1973, vol. I, p. 2). Na renascença,

vários pintores voltaram-se aos temas da mitologia grega. Nessa volta aos valores da Grécia Antiga, Botticelli representa o nascimento de Afrodite, a mais bela dentre as deusas.

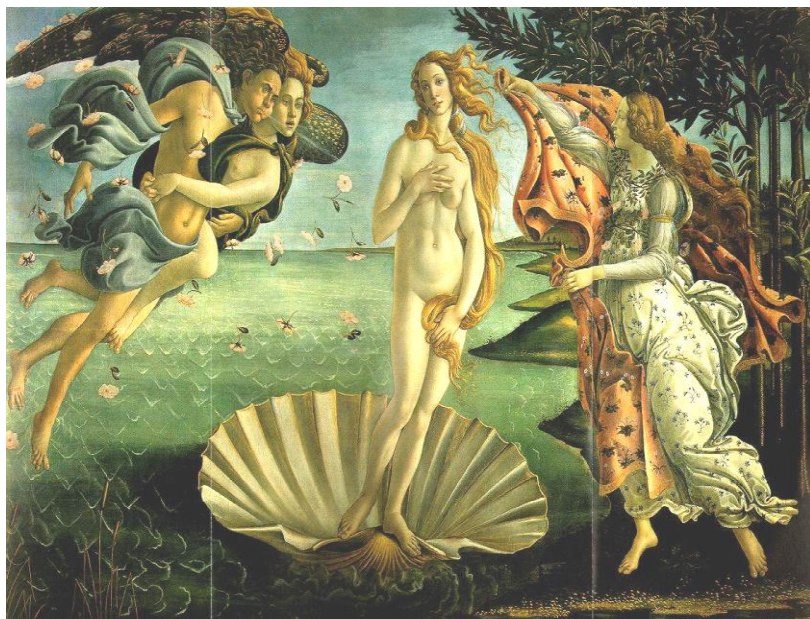


Fig. 04: *O Nascimento de Vênus* (Botticelli – 1480)

A unidade corpo e mente: Para os gregos a perfeição do corpo era tão importante quanto o desenvolvimento da mente e Sócrates, reconhece a unidade entre corpo e mente, sendo um, o reflexo do outro. *Sabemos por um dos seus discípulos ser isso o que o grande filósofo Sócrates, que fora ele mesmo treinado como escultor, exortava os artistas a fazer. Deviam representar a “atividade da alma”, observando minuciosamente o modo como “os sentimentos afetam o corpo em ação* (GOMBRICH, 1995, p. 94).



Fig. 05: *Discóbolo*, cópia do Museo Nazionale Romano (Mirón – cerca de 450 a.C.)

A Relatividade: Heráclito anunciava que tudo depende do ângulo pelo qual se observa. Uma subida pode ser igualmente uma descida. No quadro intitulado *Relatividade* de Escher, pintor holandês nascido em 1898, a realidade é como uma ilusão de ótica, representa vários planos de uma mesma realidade.

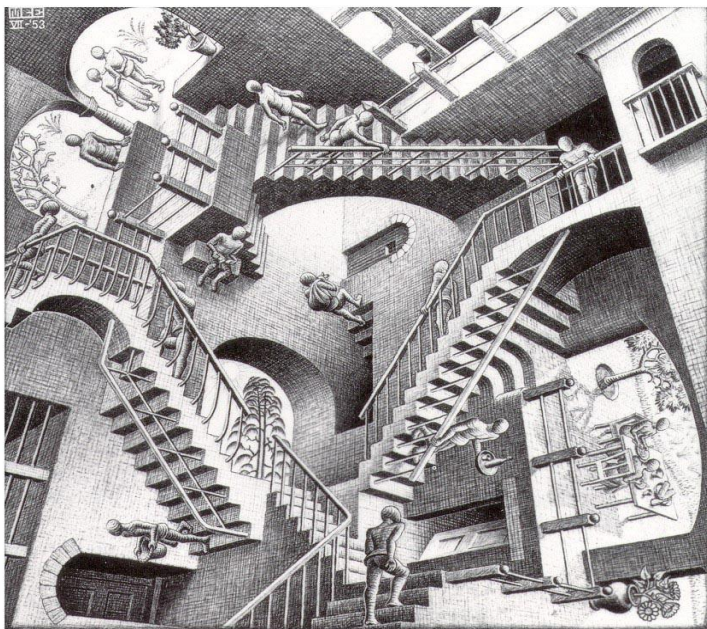


Fig. 06: *Relativity* – Escher (1953)

O Atomismo: A ideia do átomo voltou ao palco da ciência e o desenvolvimento da energia atômica possibilitou a criação da bomba. O sentimento de perplexidade diante da utilização destrutiva do poder do átomo, no final da II Guerra Mundial, levou Salvador Dali a criar uma obra que expressa o assombro diante desse poder.

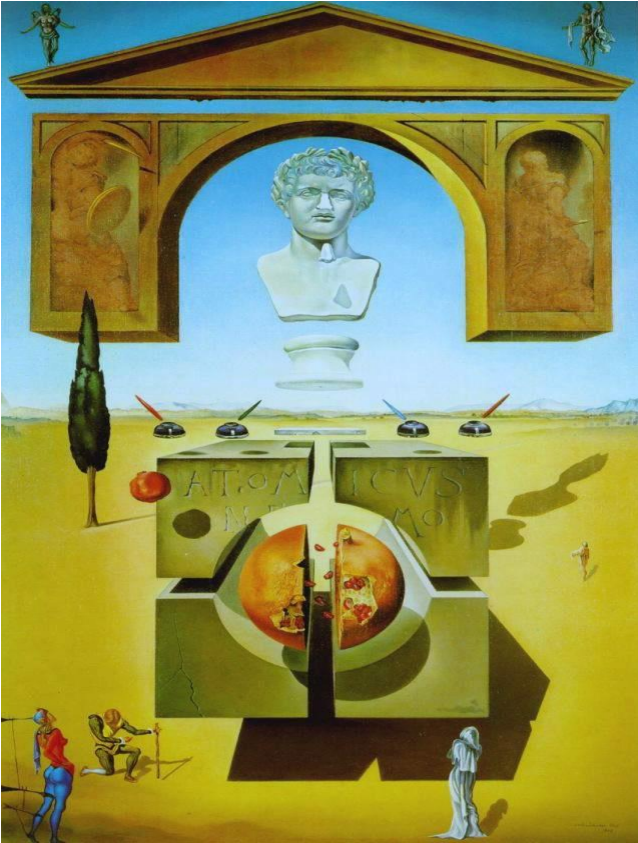


Fig. 07: *A Desmaterialização, próximo ao nariz de Nero* – Salvador Dalí, 1947.

Idade Média

Com a desintegração do Império Romano do Ocidente, a Igreja Católica manteve o que restou dos tratados científicos da antiguidade clássica em seus Mosteiros. O homem instruído era o clérigo e o conhecimento dos clássicos gregos era uma parte importante de sua formação. Os filósofos medievais, mais preocupados com a fé e a salvação das almas, adequaram o pensamento filosófico à prática da fé cristã.

Santo Agostinho acreditava que existiam duas naturezas: *Natura naturans*: espelho onde se reflete a imagem de Deus (*imago Dei*); e, *Natura naturata*: o Livro Sagrado, fonte de sabedoria a quem souber interpretar. *A sagrada escritura é a palavra divina, por meio da qual se alcança a verdade; para interpretá-la, porém, é preciso possuir determinado conhecimento, o que supõe uma capacidade prévia para reconhecer o verdadeiro.* (GONÇALVES, 2006, p. 25). Essa contradição entre “é preciso conhecer para se chegar ao conhecimento” justifica a intermediação da Igreja no acesso ao saber. Agostinho surge como inovador afirmando que através da contemplação da natureza se pode chegar à iluminação da verdade. A Bíblia é a palavra de Deus e a natureza, as imagens desse livro.

Santo Tomás de Aquino, maior expoente da Escolástica, apresenta a mais racional possível idéia de natureza. Diferenciou *natura naturans* (imagem de Deus) e *natura naturata* (a

criação divina) estabelecendo como relação entre elas o princípio da causalidade. Portanto, a metáfora do livro da natureza, ou seja, da natureza como imagem das verdades de Deus e fonte de sabedoria, é eliminada e os fenômenos físicos ganham explicação causal de acordo com o princípio de continuidade. Os seres são novamente hierarquizados, cujo topo é Deus, o *ens perfectissimum* (GONÇALVES, 2006, p. 23-28).

O conceito de natureza desse período se baseia na visão da Igreja sobre o mundo “das coisas sensíveis”. A busca concentra-se em adequar as verdades bíblicas à razão. Santo Agostinho defende uma subordinação da razão à fé e Santo Tomás de Aquino pondera certa autonomia da razão, mas, não chega a negar sua subordinação à fé. A origem e a causa de todas as coisas não podem ser especuladas. Tudo deve ser explicado pela Providência Divina - há um retorno às explicações dogmáticas a partir das escrituras. Tudo se inicia e tem como causa primeira: Deus, o criador, a inteligência que origina e a causa de todas as coisas. Deus está acima de todos os seres. Mas, o homem (principal criação divina) está acima da natureza.

A natureza só existe em função do homem e para atender suas necessidades. Daí à redução da matéria a algo que não existe por si só, mas, para servir ao homem (Stanilas Breton *in* BOURG; 1993; p. 150). A natureza toma um sentido meramente instrumental.

A Natureza a serviço dos homens e a Arte a serviço da religião: A concepção de mundo era dominada pela figura de um Deus, centro do universo e medida de todas as coisas. A intenção da arte era a mensagem religiosa transmitida pelos sermões e pelas imagens claras e didáticas das pinturas sacras. Como a maioria da população era iletrada, as artes visuais adquiriram uma grande importância e a Igreja recorria a elas para contar as histórias bíblicas ou comunicar valores religiosos aos fiéis.

Dessa maneira, quase todas as figuras que se aglomeram nos pórticos das grandes catedrais góticas estão assinaladas por um emblema permitindo que seu significado e mensagem possa ser entendido e meditado pelos fiéis (GOMBRICH; 1995; p. 190). Nesse período, a arte teve um papel fundamental na formação de um conceito simbólico sobre o mundo, as coisas e a vida. Nas pinturas o aspecto simbólico era mais importante que a realidade. Assim, as pessoas eram retratadas maiores ou menores de acordo com a sua importância no contexto, sem preocupação com a realidade fotográfica.

O criacionismo serviu como teoria científica que pretendia responder aos questionamentos humanos sobre sua origem, a origem da natureza e o princípio do mundo. Assim, Michelangelo (1475-1564) criou belas imagens bíblicas na Capela Sistina, representando as mensagens que a Igreja Católica queria transmitir a seus fiéis.



Fig. 08: *A criação de Eva* (Michelangelo – 1509-1510)

Natura naturans e natura naturata: os conceitos de natureza como espelho de Deus e como Livro Sagrado, através do qual podemos chegar a verdade, iniciado com Santo Agostinho na Idade Média, tem um apelo tão forte e tão intuitivo que ainda hoje podemos encontrá-los. Nesta poesia do início do século XX, observamos o lirismo e a convicção religiosa do autor bragantino (Pará) *Sebastião José da Silva* de que Deus é a origem de tudo e que seu poder está em todas as coisas.

Na Praia

“Jandira, vamos comigo
 ao morro brando da ponta
 ver o sol quando desponta
 surgir das águas do mar.
 Daí, então, verás como
 o mar sereno se estende
 como um lençol que se prende
 nas fibras de um áureo altar.
 Verás... que quadro sublime,
 como se enfeita o horizonte:
 ora um altar, ora um monte,
 como cordeirinhos de nuvens
 - um quadro assaz deslumbrante
 que não cansa a nossa vista.
 Digno de um pincel de artista
 de gênio como foi Rubens.
 “Depois de tudo, Jandira,

graças a Deus renderemos:
 pois, o que, na terra, vemos,
 Deus bondoso é quem nos dá
 Nas matas, no mar, no espaço,
 nas praias ou nas campinas,
 nas coisas mais pequeninas
 o poder de Deus está!...”

A poesia do cearense Patativa do Assaré (1909-2002) transmite a noção que na natureza se pode sentir a presença de Deus e ainda, de que ela é um livro pelo qual se pode aprender a verdade natural das coisas.

Eu nasci ouvindo os cantos
 das aves da minha serra
 e vendo os belos encantos
 que a mata bonita encerra
 foi ali que eu fui crescendo
 fui vendo e fui aprendendo
 no livro da natureza
 onde Deus é mais visível
 o coração mais sensível
 e a vida tem mais pureza.
 Sem poder fazer escolhas
 De livro artificial
 Estudei nas lindas folhas
 Do meu livro natural
 e, assim, longe da cidade
 lendo nessa faculdade
 com esses estudos meus
 que tem todos os sinais
 aprendi a amar a Deus
 na vida dos animais.
 Quando canta o sabiá
 sem nunca ter tido estudo
 eu vejo que Deus está
 por dentro daquilo tudo
 aquele pássaro amado
 no seu gorjeio sagrado
 nunca uma nota falhou
 na sua canção amena
 só canta o que Deus ordena
 só diz o que Deus mandou.

Empirismo: valorização dos sentidos: São Tomás de Aquino acreditava que o conhecimento deveria advir da experiência proporcionada pelos sentidos, mas, a essência das coisas só poderia ser percebida pelo intelecto. Portanto, a natureza sendo essencialmente “sensível” (percebida através dos sentidos), não poderia, levar à verdade, pois, faltaria a Razão para complementar o processo de “conhecer a verdade”.

Os castelos de pedra, frios no inverno, precisavam de algo que mantivesse o calor interno. Então, além da pintura, a tapeçaria teve um papel importante nesse período.



Fig. 09: *A senhora e o Unicórnio: “A Visão”* – Série de Tapeçaria francesa do século XV que tem como tema os sentidos.

Idade Moderna

A partir do século XIV, as transformações políticas, econômicas, sociais e científicas na Europa marcaram o início de uma nova era. O absolutismo modificou a relação entre o senhor e o vassalo (direitos e deveres recíprocos), suplantada pela ideia de soberania (GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL, 1976, v. II, p. 258). Na Idade Média, o homem submisso, aceitava e lutava até a morte, se necessário, pelas verdades impostas pela Igreja. Entretanto, esses ideais “*não davam mais um sentido à vida, tal como esta era vivida e sentida pelo homem do Renascimento*” (GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL, 1976, p. 275).

As novas invenções permitiram a disseminação de idéias e informações. A melhoria na qualidade de vida nas cidades e as dificuldades da vida no campo levaram à preferência pela vida urbana e à ascensão de outras camadas sociais. O novo mundo era fonte de matéria-prima, o que garantiu grande prosperidade e o surgimento do Capitalismo.

A burguesia, ansiosa por explicações concretas para argumentos abstratos, vinha aos poucos derrubando o poder dos senhores feudais, na sua maioria membros do clero e, conseqüentemente, o poder exercido pela Igreja.

Michelangelo, Rafael, Dürer, Botticelli e Leonardo da Vinci pintavam e construíam um

novo humanismo: a Renascença (GÊNIOS DA PINTURA, 1974, v. I, fasc. 2, p. 6).

O Humanismo consistia essencialmente no estudo das ciências que tinham por objeto a felicidade e a perfeição do homem, e impunha-se à teologia, na qual o homem morre para fazer viver Deus. A nova imagem do homem leva também a uma concepção renovada da vida. O homem não existia apenas em função de Deus, mas também, e, sobretudo, em função de si próprio, tinha possibilidades ilimitadas porque era livre.

René Descartes, Cartesius, deu início ao Racionalismo, corrente filosófica que afirma que a Razão é a única fonte de conhecimento, em detrimento da intuição ou sensibilidade. Utilizando o ceticismo como método científico, questionava todo conhecimento, concluindo que apenas poderia ter certeza de que duvidava: *cogito ergo sum* (*penso, logo existo*). E assim, buscava provar a existência do eu e até mesmo de Deus.

Ele acreditava que a matéria era simplesmente material bruto que ocupava o espaço. Deus criou o universo como um mecanismo perfeito que funcionava deterministicamente sem outras intervenções. Assim, dividiu a realidade em *res cogitans* (mente) e *res extensa* (matéria). A visão de Descartes unida aos conceitos de Newton, de um universo de matéria sólida composta de partículas pequenas e indestrutíveis (átomos), fez surgir o paradigma mecanicista newton-cartesiano e uma concepção de mundo como máquina, ou relógio.

O Conceito de natureza: O capitalismo deu ao homem a certeza de sua supremacia sobre a natureza. O acúmulo de bens materiais justificava o uso indiscriminado da natureza a fim de obter matéria-prima para seu consumo. O estabelecimento do método científico por René Descartes foi decisivo para esse conceito, uma vez que, para se observar o objeto seria necessário o total afastamento do observador, assim como se isso fosse possível: *O artista do Renascimento não vê mais o homem como simples observador do mundo que expressa a grandeza de Deus, mas como a expressão mais grandiosa do próprio Deus. E o mundo é pensado como uma realidade a ser compreendida cientificamente, e não apenas admirada*⁶. Assim, a natureza era meramente um plano de fundo para os acontecimentos humanos, ou, ainda, divinos. O foco central é sempre a figura humana ou divina.

A natureza como cenário para os acontecimentos humanos: Considerada um momento de transição na humanidade por seus novos conceitos e técnicas pictóricas, a valorização do ser humano como indivíduo, a dualidade mente e corpo, e a capacidade de refletir, determinou definitivo afastamento entre homem e natureza.

A Brunelleschi se deve a perspectiva; Leonardo da Vinci inovou com a técnica de *sfumato*; o estudo do corpo humano nos ateliês de Donatello e Jan van Eyck, convertendo a arte em *espelho do mundo visível*, aperfeiçoou as técnicas pictóricas inventando a pintura a óleo (GOMBRICH, 1995, p.39 e 226).

Na Mona Lisa de Leonardo a natureza passa despercebida. A personagem Gioconda toma toda a atenção do observador.



Fig. 10: *Mona Lisa* (Leonardo da Vinci - (1503-1507))

O mesmo pode ser notado nas obras de Bosch e Brueghel. Os quadros de Bocsh devem ser “lidos” e não “vistos”. Suas imagens surrealistas obrigam a mente a buscar além da coisa representada. Ele trasladou para suas telas muito do temor coletivo do inferno, da morte iminente e da punição dos pecados (GÊNIOS DA PINTURA, 1974, v.IV, fasc. 39). Em Brueghel, enquanto o foco está numa cena do cotidiano (o homem e o arado), Ícaro se afoga sem ser notado. A natureza compõe o quadro, mas não interage com os personagens.



Fig. 11: *Landscape with the Fall of Icarus* (Pieter Brueghel–1558) -

*Mens Sana in Corpore Sano: o homem novo volta à Grécia antiga*⁷. O foco principal é mesmo o homem, os detalhes do corpo e a perfeição nos movimentos. É a *expressão mais grandiosa do próprio Deus* e não mais um observador passivo. Assim, *David* de Michelangelo, a representação de um homem tranquilo e confiante, mas, com todos os seus músculos prontos para a explosão do combate numa apologia à beleza do corpo humano em mármore. O homem é o senhor absoluto da vida terrena e da natureza.

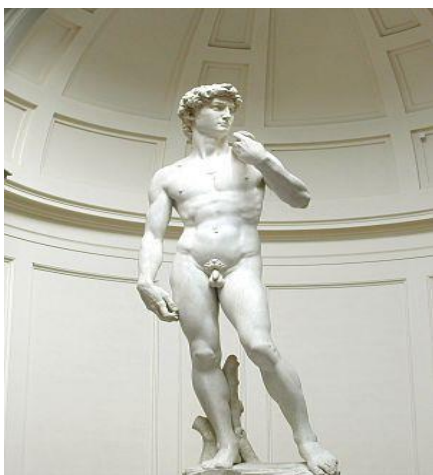


Fig. 12: *David* (Michelangelo – 1501-1504)

Idade Contemporânea

O Iluminismo, movimento intelectual que culminou com a Revolução Francesa e independência nas Américas, herdaram do Renascimento e do Humanismo a valorização do homem e da Razão, influenciou os acontecimentos que originaram o período da história atual.

Baseado em um conceito mecanicista de mundo, a tecnologia melhorou a qualidade de vida e o conhecimento comprovou hipóteses científicas. Porém, a fragmentação do conhecimento e a objetividade desvinculavam valores humanos. O consumismo e a cultura do descartável dirigiu o homem à coisificação da natureza e à exploração de outros seres, inclusive humanos. Tudo em nome do progresso. *A ciência ocidental, a partir da Revolução Industrial, alcançou sucesso estrondoso, tornando-se uma força poderosa na moldagem da vida de milhões de pessoas. Suas orientações materialistas e mecanicistas substituíram a teologia e a filosofia como guias principais da existência humana, e transformaram de modo inimaginável o mundo em que vivemos* (GROF, 1987, p. 1).

Mas, a física quântica e o relativismo de Einstein provocaram profunda ruptura com o pensamento racional newton-cartesiano e tornaram essencial a criação de novo paradigma ... () *a estrutura conceitual derivada do paradigma newtoniano-cartesiano perdeu seu poder revolucionário transformando-se num sério obstáculo para o progresso da pesquisa científica.* (GROF, 1987, p. 12). Nesse contexto, a teoria *bootstrap* (G. Chew) representa o rompimento com a abordagem ocidental da ciência. Capra (1995, p. 42) reflete sobre essa nova visão: *O universo material é concebido como uma rede ou teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa rede é fundamental; todas decorrem das propriedades das outras partes, e a consciência global de suas inter-relações determina a estrutura da rede toda.*

Após duas guerras mundiais e a possibilidade do homem destruir o planeta, havia uma grande sensação de insegurança – a vida se tornou descartável. Na revolução cultural dos anos sessenta, valores voltaram a ser questionados. A cultura ocidental sofreu um grande golpe com a invasão da cultura oriental hindu trazida pelos *hippies*. Eles renegavam as desigualdades, a segregação racial e o poder econômico-militar. Defendiam a volta da vida na natureza e, frequentemente, abandonavam o conforto de seus lares para viver em pequenas comunidades rurais, dispensando o exaltado *American way of life* (CAPRA, 1995, p. 17).

O Conceito de natureza: da vida que contava o tempo pelas fases da lua ou pelas estações do ano, nada restou. Entre a pena e o computador o homem transformou sua maneira de se relacionar com a natureza muitas vezes e os conceitos que surgiram neste período podem ser tão diversos quanto são os pensadores.

O movimento *hippie* trouxe um novo conceito de natureza e Capra, em um ensaio intitulado “*Bootstrap* e o budismo”, se refere à relação entre o antigo e o novo conceito: *A redução da natureza aos seus aspectos fundamentais é basicamente uma atitude grega, surgida na filosofia grega ao lado do dualismo espírito/matéria, ao passo que a visão do universo com uma rede de inter-relações é característica do pensamento oriental* (in CAPRA, 1995, p. 43).

Desta forma, surgiu uma visão de natureza nova e transgressora. No século XXI, a Terra passa a ser vista como um grande organismo, onde o todo é maior que a soma das partes. A vida, uma grande teia e seus elementos são igualmente necessários à sua existência. O homem não é a grande criação de Deus, mas uma das grandes criações, não necessariamente a mais importante.

A natureza volta ao foco: Os estudos sobre a luz, que tiveram como consequência a fotografia e o cinema, chamaram a atenção dos artistas que se reuniam no estúdio fotográfico de Nadar em Paris. Eles deixaram o atelier e foram para o ar livre observar as nuances de luz e sombra sobre os objetos e explorar ao máximo o potencial da luz pintando ao ar livre.

Claude Monet e outros jovens realizaram a exposição que marcou o início do movimento (1874). Mas, o grupo recebeu críticas severas e foi chamado “impressionistas”, uma ironia ao quadro *Impressão: nascer do sol* de Claude Monet. A expressão usada inicialmente de forma pejorativa acabou sendo assumida pelos artistas que passaram a se autodenominar “impressionistas”.



Fig. 14: *Impression: Soleil levant* – Claude Monet – 1873

Sob o domínio do paradigma cartesiano, a ciência e o mundo estavam se fragmentando em especializações. Na arte, essa tendência se manifestou através dos movimentos que se seguiram ao impressionismo: o cubismo, o surrealismo e a arte abstrata, dentre outras. E, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945): *A arte pop volta-se preferencialmente para os objetos estandardizados da sociedade de massas e para os ícones do mundo da mídia*⁸. Andy Warhol (1928-1987) foi o grande representante da *Pop Art*.



Fig. 16: *Mickey Mouse* (Andy Warhol)

A natureza foi parcialmente esquecida pelos artistas, chocados com a guerra e a natureza humana. Enquanto a Pop Arte busca novas perspectivas para os objetos do dia a dia, o hiper-realismo se volta para os sentimentos humanos e cenas banais em busca de novos significados e de compreensão da vida⁹.

Os *hippies* produziram a estética psicodélica com cores fortes e desenhos caleidoscópicos. *No seio da cultura rock de meados dos anos 60 em S. Francisco nasceu uma forma de design gráfico radicalmente nova, influenciada pela experiência psicodélica (literalmente: "reveladora da mente"). Era uma nova forma de arte com o objectivo de anunciar concertos de dança produzidos pelos empresários Bill Graham e Chet Helms entre 1965 and 1971*¹⁰.



Fig. 19: *Avalon Ballroom, 25/11/1966* – Autor: Victor Moscoso.

No final do século XX e início do século XXI, a arte tomou novos rumos. Tanto pode estar voltada ao homem quanto à natureza. Tanto pode celebrar os fatos da vida, quanto assumir

papel social denunciando os problemas humanos no ambiente urbano (solidão, velhice, traumas), ou o descaso com o ambiente natural.



Fig. 17: *In Bed*, 2000 (Ron Mueck)

As esculturas de Krajcberg (1921) produzidas a partir de troncos mortos refletem sua constante preocupação com o ambiente. Ele é um representante autêntico do conceito de natureza oriundo de uma visão holística e não fragmentada, da ideia de arte inserida num arcabouço mais amplo do pensamento, que vê no egoísmo e no materialismo dos homens, a fonte de falta de respeito às árvores, aos rios e aos animais. Ele tem como matéria-prima a própria natureza e faz dela um argumento em defesa do ambiente, da terra e da vida.



Fig. 20: *Sculptures*, 1973 (Franz Krajcberg)

Conclusão

As primeiras especulações filosóficas sobre a natureza ocorreram na Grécia Antiga em razão da busca por um princípio fundamental que justificasse a existência das coisas. Mas, o caminho que esse pensamento tomou, em alguns momentos avança em direção às concepções modernas acerca da natureza, em outros momentos regride, ou parece voltar aos tempos das explicações míticas sobre os fenômenos naturais.

O homem pré-histórico percebia que o *mana*, a força mágica da natureza, estava em tudo e se sentia parte também. O homem histórico, na Grécia antiga, já não aceitava mais explicações míticas ou mágicas para os fenômenos naturais. Ele se sentia diferente dos outros seres da natureza e buscou na filosofia respostas para a origem da vida. Na Idade média, o pensamento cristão levou ao retorno das explicações dogmáticas não mais atribuídas a deuses desconhecidos, mas, a um Deus único, postado em um trono no paraíso distante. O homem, baseado na Razão, buscou explicações para a Fé e concluiu que ele era a maior das criações de Deus e que a natureza existia para servi-lo. Descartes estabeleceu regras para o que era válido ou científico e o homem teve que fazer uma escolha entre Deus e a Ciência. E aquele pensamento inicial do homem possuído pelo *mana*, foi se transformando numa posição antropocêntrica onde deuses e natureza deveriam estar a serviço do homem.

No período contemporâneo, as descobertas da física quântica levaram o homem de volta às filosofias tradicionais do oriente. Eram necessários novos conceitos e linguagens diferentes para descrever a realidade (natureza) nos níveis subatômicos.

O conjunto de valores e conceitos que cultivamos define como tratamos os semelhantes, os animais e o ambiente. Um conceito mais espiritualizado nos coloca numa posição de iguais, enquanto que um conceito antropocêntrico leva o homem a colocar o próximo e a natureza a serviço de seus interesses. O ser humano não é um ser isolado, assim como nada o é, somos uma teia de conexões, de relações que se completam, como as notas de um acorde musical que produz uma harmonia rica e bela no planeta terra.

Mas, as transformações da sociedade dependem de transformações individuais. Não basta mudar o paradigma científico, é necessário mudar os conceitos que determinam nossas relações. Mas, *Quaisquer planos para mudar a situação do mundo são de valor problemático, a não ser que incluam um esforço metódico para mudar a condição humana causadora da crise. Sabendo-se que a mudança evolucionária da consciência é um pré-requisito vital para o futuro do mundo, o resultado desse processo depende da iniciativa de cada um de nós* (GROF, 1987, p. 310). A falta de uma visão de mundo espiritualizada, ou seja, que nos dê a noção de que nós e a terra somos um só organismo interdependente, tem sido a causa de catástrofes que afetam a todos indistintamente. *Torna-se evidente que a única esperança de uma*

solução política e social só pode resultar de uma perspectiva transpessoal que transcenda a desesperante psicologia do “nós versus eles”, produzindo ocasionais mudanças oscilantes em que os protagonistas trocam entre si os papéis de opressores e oprimidos (GROF, 1987, p. 309). Somos todos responsáveis pela mudança.

Esperamos que com estas reflexões, possamos contribuir para uma transformação mais profunda sobre os conceitos e comportamentos quanto à natureza, assim como, sobre o mundo que deixaremos para as próximas gerações.

Notas:

1. PAVC – Parque Arqueológico do Vale do Côa/ *Paleolítico*, acesso em 11.12.2006;
2. OMNISPAC/ *Caverna de Lascaux*, acesso em 12.01.2006;
3. MARTINS, S. R. e IMBROISI, M. H./www.História da Arte.com. br/ *Pré-história*, acesso 11.11.2006;
4. WIKIPÉDIA – Enciclopédia Livre/ *Stonehenge*, acesso em 12.01.2006.
5. Revista de Informação e Tecnologia CCUEC/ UNICAMP. *A evolução da tecnologia intelectual - primeira parte*. Marcelo Franco.
< <http://www.ccuac.unicamp.br/revista/infotec/educacao/educacao3-1.html> > acesso em 12.12.2006;
6. MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. *Idade Moderna*,
< <http://www.historiadaarte.com.br/linha/default.html> > acesso em 23.03.2007;
7. *Mente sã em corpo são*: citação Latina (WIKIPÉDIA/ *Mens Sana in corpore sano*, acesso em 09.04.2007);
8. ITAU CULTURAL/Artes Visuais/Enciclopédia/Termos e Conceitos/ *Hiper-Realismo*, acesso em 16.04.2007;
9. WIKIPÉDIA/ *Hiper-Realismo*, acesso em 18.04.2007;
10. VILAR DE MOUROS 1971/ *Movimento Hippie*, acesso em 16.04.2007.

Referências

- ASSARÉ, Patativa do. *Digo e Não peço Segredo*, org. Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, p. 18; 2002.
- BOURG, D. (direção). *Os Sentimento da Natureza*. Lisboa. Instituto Piaget, p. 150; 1997.
- CAPRA, F. *Sabedoria Incomum*, São Paulo/SP: Cultrix, p. 17, 26, 42, 43, 1995.
- FEUERSTEIN, G. *A Sexualidade Sagrada*. São Paulo: Siciliano, p. 61, 65-66; 1994.
- GÊNIOS DA PINTURA (Coleção). São Paulo: Abril, vol. I, fasc. 2, p. 06, vol II, p. 04 e IV., 1974.
- GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, p. 39, 40, 94, 190, 226, 430;1995.
- GONÇALVES, M., *Filosofia da Natureza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 9, 12, 13, 15, 18, 23, 25, 28, 2006
- GRANDE HISTORIA UNIVERSAL (Coleção). RJ: Bloch, v. II, p. 275, 258, 1976.
- GROF, S. *Além do Cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia*, SP: McGraw-Hill, p. 01, 12, 309, 310, 1987.
- MITOLOGIA (coleção), SP: Abril Cultura, v. I, p.2, 1973.

ABSTRACT: This article aims to observe the development of the concept of nature throughout history, seeking to identify representations of the concepts of nature expressed in paintings, sculptures or any other artistic manifestations of the analyzed periods (Prehistoric, Classical Antiquity, Middle Ages, Early Modern and Contemporary Age), having as reference to the analyses of these periods, the historical facts that marked significant transitions for humanity: the evolution of man's thought through philosophy, political and social development of humanity, the consequences and risks of scientific and technological development, as well as the development of the arts, schools and artistic movements in each period. . For this discussion were used the theories Gombrich (1995) e Grof (1987).

KEY WORDS: Human being. Art. Nature. Environment.